

A TRADUÇÃO E O ENSINO DE INGLÊS NA CONTEMPORANEIDADE

Luís Otávio Batista¹

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

Resumo: Durante muitos anos, a tradução ocupou um papel central no ensino de línguas, por meio do método Gramática e Tradução, em que serviu como meio para o aluno aprender estruturas linguísticas, pois a ideia principal desse método era que através do conhecimento estrutural da língua, o aprendiz dominaria a língua-alvo. No entanto, com a ascensão das línguas modernas, no início do século passado, principalmente, o francês e o inglês, o cerne do ensino-aprendizagem mudou, enfocando a habilidade oral. A partir de então, a tradução foi ignorada pelos métodos que sucederam o Gramática e Tradução, em especial, pela Abordagem Comunicativa, no início dos anos 80, do século passado. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é investigar como pesquisadores da área dos Estudos da Tradução têm tratado da tradução na contemporaneidade e como essa área pode auxiliar o ensino-aprendizagem de inglês que escapem da concepção de tradução enraizada no senso comum.

Palavras-chave: Tradução, Abordagens, Ensino-Aprendizagem, Língua Inglesa, Contemporaneidade.

Abstract: During many years, the translation occupied a central role in the teaching of languages throughout the Grammar-Translation method. This method, in turn, had as objective to teach grammatical items and translation, for the focus of this method was that throughout the language structural knowledge, the learner would dominate the target language. However, with the modern languages rise at the beginning of the last century, mainly, French and English languages, the heart of the teaching-learning changed, concentrating on the oral ability. From this, the translation was ignored by the methods that succeeded the Grammar-Translation method, in special, by the Communicative Approach at the beginning of the 80's, of the last century. Thus, the objective of this work is to investigate as researchers of the Translation Studies field have treated the translation in the contemporaneity and how this area may help for the teaching-learning of English in order to change the conception of translation based on the common sense. 9*

Keywords: Translation; Approaches; Teaching-Learning; English language; Contemporaneity.

¹ Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC/SP e professor de Língua Inglesa na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados.

Introdução

Com o advento da Abordagem Comunicativa (doravante AC) nos anos 70, em nível internacional, e nos anos 80, em nível nacional, do século passado, a tradução em sala de aula de Língua Estrangeira (doravante LE) foi relegada ao ostracismo, tendo em vista que os teóricos dessa abordagem parecem que não previram o seu uso voltado para as práticas sociais, como orienta o modelo comunicativo.

Emergiu, então, a crença de que não se devia trabalhar com a tradução em sala de aula. Por essa razão, foi abolida das aulas de inglês, deixando de ser a protagonista da sala de aula. Na verdade, por mais de três décadas desde o surgimento da Abordagem Comunicativa, o professor que praticava a tradução em sala de aula com seus alunos era uma espécie de *criminoso*, pois estava cometendo algo de ilícito. Na realidade, traduzir no sentido de transferir de uma língua para outra não condizia com a nova perspectiva teórica que nascia, pois o ato de traduzir deve ser pensado, a partir de viés de uso da língua. Infelizmente, poucos foram os teóricos que se debruçaram em estudar a tradução, visando propor uma nova forma de usá-la em sala de aula. De fato, outros focos sobre o ensino-aprendizagem de LE foram alvo de estudos na AC, enquanto a tradução foi ignorada, pois tornou-se a vilã do insucesso na construção de conhecimento em Línguas Estrangeiras (doravante LEs), devido ao fato de estar ligada ao método Gramática e Tradução.

No entanto, nota-se, hoje, um retorno da tradução como um componente importante no ensino de línguas estrangeiras, sendo, inclusive, considerada por Welker (2004) como uma quinta habilidade, conjuntamente com as habilidades de ler, ouvir, falar e escrever. Isso significa que a tradução na contemporaneidade deve ser trabalhada em sala de aula de forma adequada a realidade complexa, ou seja, como uma atividade, tarefa ou exercício que gere resultados positivos, em termos de uso da língua, para fins de

comunicação social. Entretanto, embora, nos dias de hoje, haja uma preocupação de se trabalhar a tradução, há estudos ainda que a trata sob o olhar do senso comum, ou seja, transposição de uma palavra a outra.

Esse, portanto, é o objetivo deste trabalho, ou seja, investigar por meio de uma pesquisa bibliográfica (MARCONI & LAKATOS, 2001, p. 43), como a tradução tem sido tratada por pesquisadores ligados aos Estudos da Tradução ou não e como essa área pode contribuir para a área de ensino-aprendizagem de inglês com proposições de visões que fujam da concepção de tradução embasada no senso comum.

Por conta disso, caracterizamos esta pesquisa de bibliográfica, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2001, p. 43-44), esse tipo de pesquisa tem como meta o “levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita”. Além do mais, segundo os autores citados, ela tem por finalidade “colocar o pesquisador direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.” Ainda, segundo Marconi e Lakatos (2001, p. 71), a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto. Pelo contrário, esse tipo de método propicia o exame de um novo tema, de um novo enfoque ou abordagem, com o objetivo de atingir a proposições inovadoras.

A tradução ao longo da história no ensino-aprendizagem de línguas

O ensino da tradução foi durante anos o principal foco de estudos de línguas estrangeiras, isto é, era a questão central da aprendizagem de LEs. Ele constituía o núcleo da Abordagem Gramática e Tradução ou método Gramática e Tradução como prefiro adotar nesse trabalho. De acordo com Romanelli (2006), esse método surgiu no Renascimento, período em que o grego e o latim

dominavam o ensino de línguas. Segundo o autor, esse método ainda é o mais usado nos dias atuais nos contextos de ensino-aprendizagem de LEs.

Esse método se caracterizava por ensinar a LE pela LM, ou seja, as aulas eram ministradas na LM do aprendiz, para que ele pudesse construir conhecimento na LE. A memorização de vocabulário, a manipulação de itens gramaticais e a tradução de textos literários ou religiosos desempenhavam o norte das aulas nesse método. Isso quer dizer que no Método Gramática e Tradução, a visão de linguagem “era mais que um conjunto de regras dentro de uma cultura meramente literária e clássica. As principais técnicas didáticas eram a tradução, o ditado e os exercícios de manipulação”. Em outras palavras, o cerne das aulas de inglês era que o aluno adquirisse conhecimentos gramaticais sobre a língua, uma vez que quem dominasse a gramática era capaz de dominar a língua. Além disso, se o aluno traduzisse corretamente os textos ou frases isoladas da LM para a LE e vice-versa, demonstrava que era um conhecedor da língua-alvo. Por conta disso, como revela, Uphoff (2007, p. 09) “as aulas consistiam principalmente em lições de gramática seguidas de exercícios de tradução”.

Em relação à tradução de textos, Königs (2001, p. 956 apud Bohunovsky, 2011, p.206) informa que os

textos a serem traduzidos eram escolhidos de acordo com a sua estrutura gramatical: isto é, seguiam uma progressão gramatical, e traduzir era o único caminho metodológico para preencher o significado de lexemas estrangeiros, para conhecer as estruturas estrangeiras no seu significado e era o único trabalho linguístico ativo durante a aula (KÖNIGS, 2001, p. 956 apud BOHUNOVSKY, 2011, p.206).

Em outras palavras, tinha-se a crença de que ao traduzir textos autênticos ou não, o aluno poderia alcançar um nível de proficiência na língua-alvo.

Anos mais tarde, mais especificamente, no século XIX, segundo Branco (2009, p. 186), o grego e o latim perderam espaço para outras línguas modernas, pois à época, de acordo com Cook (2003, p. 3 apud TECCHIO & BITTENCOURT, 2011, p. 157), os movimentos migratórios e o comércio internacional foram fatores que influenciaram para uma mudança no perfil dos aprendizes, uma vez que a necessidade emergente à época era a comunicação.

Assim, surgiu o método Direto que tinha a oralidade como ferramenta central das aulas (GARCIA *et al*, 2011, p. 186). Consequentemente, a tradução foi banida e qualquer dúvida em termos de tradução deveria ser feita por meio de gestos e gravuras (ROMANELLI, 2006, 2009), pois o aprendiz deveria associar diretamente com a LE sem qualquer interferência da LM. Isso significa que no método Direto, o aluno era estimulado a “pensar na língua-alvo” sem recorrer à LM ou a tradução (TECCHIO & BITTENCOURT, 2011, p. 157).

Nesse método, o ensino da LE deveria na língua-alvo e nunca na LM nem com o auxílio da tradução, isto é, de acordo com este método, o ensino-aprendizagem de línguas deveria ser feito totalmente na LE. Em suma, enquanto que no método Gramática e Tradução caracterizava-se por dar ênfase à forma escrita, no método Direto privilegiava a oralidade. Por conta disso, Lucindo (2006) assevera que foi nesse método que a tradução assumiu o papel de vilã, e, por conta disso, nunca apareceu em cena.

Após o declínio do método Direto, emergiu o método da Leitura. Ele foi desenvolvido nos Estados Unidos, nos anos 30, do século passado e objetivava desenvolver no aluno a habilidade de leitura e a ampliação do seu vocabulário (GARCIA *et al*, 2011). No entanto, as autoras advertem que embora se pense que nesse método, a habilidade de leitura era enfatizada, elas revelam que a proposta não era ler, porém era ler e compreender para resolver exercícios, ou seja, ainda havia a preocupação com a aprendizagem da

gramática da língua-alvo. Já exercícios de tradução ocorriam esporadicamente, por meio de traduções de obras científicas ou literárias (ROMANELLI, 2009).

Durante a Segunda Guerra Mundial, segundo Uphoff (2007, p. 11), os Estados Unidos sentiram a necessidade urgente de capacitar seus soldados, “de forma rápida e eficiente, em línguas ditas “exóticas,” como o japonês e o chinês. Por isso, foram desenvolvidos programas de ensino, nos quais os soldados tinham que ouvir e reproduzir inúmeras vezes palavras e frases no idioma estrangeiro.” Surge, então, o método Audiolingual, o qual orientava que o aluno devesse primeiro ouvir e falar para, posteriormente, ler e escrever como acontece na LM (GARCIA *et al*, 2011, p. 187). No entanto, nesse método era possível enxergar alguns resquícios característicos do método Direto, como o uso contínuo da LE em sala de aula, bem como o foco na oralidade em detrimento da linguagem escrita.

Entretanto, esse método foi inovador no que diz respeito ao seu embasamento teórico: o *behaviorismo*. Nessa teoria, a aprendizagem ocorria por meio da imitação e repetição mecânica. Por exemplo, o aluno “era incentivado a associar um estímulo auditivo a imagens sugestivas e a tentar reproduzir o que ouvia sem se preocupar com a estrutura gramatical ou o significado exato das palavras” (UPHOFF, 2007, p. 11), ou seja, o aluno era estimulado a desenvolver hábitos mentais. As aulas deveriam ser ministradas em um laboratório de línguas, com uma série de exercícios estruturais. Tal como no método da Leitura, a tradução era pouco enfatizada. Ocorria quando da necessidade de tradução de textos científicos e literários.

A partir dos anos 70, do século passado, o método Audiolingual passou a ser criticado. Com isso, mudanças começaram a ocorrer na Europa no ensino de inglês com a teoria funcional da linguagem (UPHOFF, 2007, p. 12). Essa teoria passou a ver a linguagem não mais como um conjunto de regras a ser decorado, manipulado, imitado, repetido e traduzido. Pelo contrário, a

linguagem era vista como uma prática social, em que o aprendiz, por meio da interação construía significados como faz na sua LM. Com base nisso, os fenômenos linguísticos, nesse método, eram categorias funcionais de uso (UPHOFF, 2007, p. 12).

Assim, tendo como a premissa de que a língua ocorre num contexto social, “do qual não pode ser separada, e que as formas linguísticas inerentes às situações sociais são supostamente, previsíveis” (NICHOLLS, 2001, p. 41), os autores proponentes da Abordagem Situacional organizaram conteúdos centrados nas formas, por meio de diferentes situações sociais. Isso quer dizer que os conteúdos do método Funcional expostos em materiais didáticos baseavam-se em funções situacionais da língua, por exemplo, *A trip to the Zoo; At the Supermarket; Posting a letter*, dentre outros. No entanto, esse método não deu certo, tendo em vista que ao criar situações, através de funções de uso da língua em diversos espaços, por meio de *formas linguísticas engessadas* não deu certo, pois não se pode prever o que será dito em tais situações dada à imprevisibilidade e a não linearidade das “variáveis de registro, de tópico, de lugar, de tempo, de relação psicológica e hierárquica entre os interlocutores, etc., variáveis essas que regulam não só o que se diz, mas como e quando se diz” (NICHOLLS, 2001, p. 42).

Com o advento da noção de competência comunicativa por Hymes, em 1983, surge a Abordagem Comunicativa e com ela, uma nova visão de se ensinar e aprender inglês, pois há uma preocupação dessa abordagem em tornar o aluno competente comunicativamente na língua. Para Almeida Filho (1993, p. 15), aprender uma LE sob a perspectiva da abordagem comunicativa significa:

aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas

compreensões e mobilizadora para ações subseqüentes. (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 15).

Dito de outra forma, o aluno deve usar a LE em situações cotidianas de sua vida, seja lendo, falando, escrevendo e ouvindo, como ele age no mundo real e complexo com a sua LM.

Diante disso, aulas centradas para o ensino da gramática pela gramática, de traduções de frases isoladas e descontextualizadas, de repetições e imitações de frases irreais, papéis predefinidos em diálogos encenados e sem qualquer vínculo com a realidade, como comprar um bilhete de trem em Londres (UPHOFF, 2007, p. 13) são relegadas ao ostracismo na Abordagem Comunicativa.

Nessa abordagem, a linguagem é vista como uma prática social em que participantes agem no mundo, com a finalidade de desempenhar atividades/funções sociais, fazendo uso de forma adequada da gramática, do vocabulário. E ao agir no mundo, o aprendiz deve também levar em conta o contexto, o propósito e o (s) interlocutor (es) envolvido (s) na interação seja oral ou escrita (BATISTA, 2004, p. 79). Essa, portanto, deve ser a tônica do ensino-aprendizagem de LEs na contemporaneidade.

Voltando o olhar para a tradução, ela foi excluída e criticada tanto no método funcional quanto pela Abordagem Comunicativa, sendo pouco explorada tanto em termos teóricos quanto práticos (ROMANELLI, 2006, p. 03). Romanelli (2009, p. 206) revela que talvez essa exclusão, descrédito ou desprezo em relação à tradução se deva ao fato do exagero com que ela foi usada no método Gramática e Tradução. Concordamos com Romanelli (2009, p. 218) de que o provável *esquecimento* da tradução nas aulas de inglês seja por conta de teorias pedagógicas, porém por “preconceitos ideológicos e em estereótipos didáticos pouco comprovados”. Já Carvalho Neto e Bohunovsky (2011, p. 238) salientam que, à época, a tradução estava associada com o

método Gramática e Tradução e os teóricos não conseguiram ver outras possibilidades de seu uso se não fosse encontrar um termo certo para uma determinada palavra na língua-alvo.

Para tanto, mais de 30 anos depois do aparecimento da Abordagem Comunicativa no Brasil, a questão da tradução parece ressurgir no cenário nacional. Para justificar essa assertiva, Bohunovsky (2011, p. 205) esclarece que tem crescido em termos de seções temáticas, debates que tratam desse foco em congressos da área, assim como o número de trabalhos acadêmicos que defendem a tradução em sala de aulas de línguas, porém Bohunovsky (2011, p. 205) alerta que “a tradução que ocorre hoje em dia em sala de aula não é ou não deve ser – a mesma que marcava o Método Gramática e Tradução, quando estava atrelada exclusivamente a propósitos gramaticais.” Isso quer dizer que a tradução na contemporaneidade não deve ser interpretada como um método, porém como “uma possível forma de exercício ou atividade linguística” (CARVALHO NETO & BOHUNOVSKY, 2011, p. 237). Essa, portanto, será a nossa discussão na próxima seção.

A tradução no Ensino de Língua Inglesa na contemporaneidade

Branco (2009, p. 188) assevera que a tradução no contexto de ensino-aprendizagem de LEs deve estudada pelos Estudos da Tradução, pois essa área pode investigar como a tradução pode contribuir para a construção do conhecimento da LE. Na realidade, entendemos que a preocupação da autora está no fato de que mesmo a tradução tenha sido abolida, rejeitada, ignorada pelos métodos que privilegiaram a oralidade em detrimento às outras habilidades da língua, ela continuou sendo trabalhada em sala de aula, porém baseada no senso comum, isto é, no sentido de que era praticada como mera transposição ou transferência de significados de uma palavra para outra.

Bohunovsky (2011, p. 215) também defende que os Estudos da Tradução podem auxiliar como se deve trabalhar a tradução no contexto de sala de aula de LEs. Para a autora:

[...] a falta de clareza argumentativa e terminológica que apontei nos trabalhos acima mencionados pode ser compreendida, pelo menos em parte, como resultado da falta de diálogo da área de ensino de LE com os estudos da tradução, que, há décadas, vem colocando em questão a visão do senso comum a respeito processo tradutório. É justamente esse senso comum que parece fundamentar, no entanto, vários dos trabalhos que abordam o papel da tradução no ensino de línguas estrangeiras. Um diálogo com reflexões oriundas da área acadêmica que se dedica centralmente ao estudo desse complexo processo de (re) criação linguístico e cultural que é traduzir poderia, no mínimo, ser frutífero para a área de ensino de Línguas Estrangeiras – sobretudo se o objetivo é uma discussão mais aprofundada sobre os diversos papéis que a tradução, nas suas diferentes formas, pode cumprir no processo de ensino/aprendizagem de uma Língua Estrangeira (BOHUNOVSKY, 2011, p. 215).

Pelo excerto acima, vemos que com a ajuda dos Estudos da Tradução, a tradução no ensino de línguas poderá deixar de ser simplista, no sentido de ser entendida e praticada como transposição de palavras de uma língua a outra, porém como um processo de (re)-criação lingüístico-cultural. Portanto, com apoio teórico dos Estudos da Tradução, a tradução em sala de aula requer reflexões teóricas mais profundas do que aquela regida pelo senso comum e poderá assumir diversos papéis (BOHUNOVSKY, 2009, p. 175), em suas diferentes formas, como, por exemplo, ela passa a ser uma atividade didática com vistas ao aperfeiçoamento da língua de chegada por meio da manipulação de textos, análise contrastiva e reflexão consciente (LUCINDO, 2006, p. 5). Em outras palavras, a tradução praticada no contexto de ensino de línguas não pode estar vinculada a propósitos gramaticais como acontecia no método Gramática e Tradução.

Dessa forma, a tradução no ensino de línguas, mas especificamente, no de inglês perpassa por um processo de reavaliação e de reabertura de um

debate que foi esquecido de forma prematura (ROMANELLI, 2009) na Abordagem Comunicativa, em que entendeu-se que era a vilã do método e, portanto, deveria ser erradicada do ensino. Entretanto, atualmente, a tradução deve ser pensada como forma de exercício, atividade comunicativa ou de tarefa de aprendizagem, tornando-se, assim, uma aliada na construção de conhecimento da língua inglesa. Por isso, a meta ao trazer à tona a tradução não é resgatar a tradução como método ou como papel central das aulas de inglês. Pelo contrário, vemos que os teóricos têm proposto uma reavaliação, reabilitação, reabertura ou reintrodução da tradução em sala de aula, cuja finalidade é ensinar a LE dentro de um contexto e não manipular formas gramaticais. Praticada como um processo de (re)-criação da estrutura gramatical, lexical, semântica de um texto, por exemplo. Além disso, a tradução leva o aluno a ter consciência das diferenças das duas línguas (linguística e cultural), no sentido de refletir que não há simetria entre elas. Sem falar que fazer uso dela em sala de aula pode economizar tempo em sala de aula, em função das poucas aulas destinadas ao seu ensino de inglês em escolas públicas ou particulares (TECCHIO & BITTENCOURT, 2011; ROMANELLI, 2006).

Na realidade, a importância que se tem dado à tradução na contemporaneidade se deve ao fato de que fazemos uso dela em nossas atividades cotidianas sem, no entanto, termos consciência. Isso quer dizer que tanto profissionais quanto leigos fazem uso da tradução em várias ocasiões de suas vidas sejam elas orais ou escritas. Por isso, Welker (2004, p. 6) revela que “faz sentido ensinar-se a tradução para a língua estrangeira também no ensino de LE, pois no ensino-aprendizagem de inglês, a tradução pode ocorrer tanto na direção da LM para a LE quanto vice-versa”.

Na verdade, a tradução no contexto de línguas é muito importante para Welker (2004), o qual a defende como uma quinta habilidade, conjuntamente

com a leitura, a fala, a audição e a escrita. Entretanto, o autor adverte que a aprendizagem dessa habilidade não visa tornar o aluno um tradutor profissional, pois o ensino-aprendizagem de uma LE tem objetivos diferentes daqueles que caracterizam a formação de tradutores profissionais.

Nesse sentido, entendemos que a tradução no contexto de ensino de línguas deve focar no processo tradutório e não no produto (BOHUNOVSKY (2009, p. 176). Assim, tomando por base que a tradução no contexto de ensino de línguas deve ter o apoio dos Estudos da Tradução, a fim de ajudar os professores de inglês a usarem a tradução de forma reflexiva, crítica e teoricamente informada em sala de aula, ao invés de práticas voltadas no senso comum, optamos por discutir, a partir de agora, quatro papéis didáticos que a tradução pode ocupar no ensino de inglês, sugeridos por Bohunovsky (2009; 2011) e Carvalho Neto & Bohunovsky (2011), com vistas a evitar práticas tradutórias baseadas no senso comum.

O primeiro papel didático que a tradução pode desempenhar no contexto de sala de aula de LE, de acordo com Carvalho Neto e Bohunovsky (2011); Bohunovsky (2011) é a *tradução como meio para a semantização de vocabulário*. Nesse papel, o professor pode dar ênfase a termos, expressões e estruturas desconhecidas da LE. Segundo Bohunovsky (2011, p. 211), atualmente, é aceitável esse tipo de tradução nos estágios iniciais do processo de ensino-aprendizagem de uma LE, inclusive com turmas com níveis linguísticos heterogêneos, pois os alunos têm o hábito de procurar vocábulos novos *correspondentes* na LM.

A *tradução como conscientização de estruturas gramaticais* da LE é o segundo papel didático da tradução em LE. Bohunovsky (2009, 2011) e Carvalho Neto & Bohunovsky (2011) asseveram que esse tipo de tradução está relacionado aos aspectos gramaticais da LE, isto é, ao uso da gramática. Embora teóricos contemporâneos refutem a ideia da gramática estar vinculada

à tradução, Welker (2004) defende o seu uso nos estágios iniciais do processo de ensino-aprendizagem de línguas. O autor é favorável à tradução de frases isoladas e de textos descontextualizados, por duas razões: a primeira porque é possível de ser feita sem o conhecimento do contexto e segundo porque é motivante, pois ao obter notas boas nas avaliações, os alunos se sentirão motivados em estudar mais. Welker (2004) chama esse tipo de tradução de tradução pedagógica, a qual é vista como instrumento didático nas aulas, visando à construção do conhecimento de uma LE.

O terceiro papel da tradução no ensino-aprendizagem de línguas, sugerido por Bohunovsky (2011) e Carvalho Neto & Bohunovsky (2011), é a *tradução como habilidade comunicativa*. Nesse papel, a tradução juntamente com as habilidades de ler, escrever, falar e ouvir devem ser usadas nas salas de aula de línguas. Como dissemos anteriormente, Welker (2004, p.3) caracteriza a tradução como uma quinta habilidade da língua, pois “pessoas que não são tradutores profissionais vêm-se às vezes na situação de terem de traduzir - oralmente ou por escrito - tanto na direção LE - LM quanto na outra”.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, por exemplo, denominou a tradução como mediação. Carvalho Neto & Bohunovsky (2011, p. 246) alertam que num primeiro momento, o termo mediação pode parecer estranho ou desconhecido, porém analisando de mais perto, a mediação faz parte de nossa vida diária e ocupa o mesmo *status* da recepção, produção, que são atividades linguísticas que compõem a competência comunicativa. Isso quer dizer que a mediação “trata-se de uma atividade linguística que possibilita a comunicação entre pessoas que não estejam em condições, por alguma circunstância, de se comunicarem diretamente uma com as outras” (CARVALHO NETO & BOHUNOVSKY, 2011, p. 248). Assim, na sala de aula, a mediação pode ocorrer em atividades

tanto oral como escrita, e interlingual (entre línguas) ou intralingual (dentro do mesmo idioma).

O quarto e último papel da tradução proposto por Bohunovsky (2011) e Carvalho Neto & Bohunovsky (2011) é a *tradução como aprendizagem crítico-reflexiva*. Esse papel tem por objetivo levar em conta os aspectos linguísticos e culturais no ato tradutório. Bohunovsky (2011) e Carvalho Neto & Bohunovsky (2011) tomam como exemplo desse tipo de tradução que professor pode adotar em sala de aula, a ideia de Cássio Rodrigues, que propõe a comparação linguística de duas línguas, ou seja, a língua de partida e a língua de chegada, assim como da construção de conhecimento metalinguístico. Rodrigues alerta também a feitura de exercícios de tradução em grupo. Nessa atividade, os alunos terão a oportunidade de refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, no sentido de compararem suas traduções com as dos colegas. Além do mais, concordamos com Hargreaves (2004, p. 39 apud BOHUNOVSKY, 2009, p. 181), “quando se fala em dificuldades da tradução ou de elementos intraduzíveis, trata-se, em geral, de aspectos culturais”. Por isso, a tradução provoca o desenvolvimento da competência cultural dos alunos.

Enfim, caberá ao professor com uma formação crítico-reflexiva propor atividades de tradução ou de mediações, de acordo com as reais necessidades dos alunos, por meio do desenvolvimento de exercícios que correspondam “às circunstâncias concretas de vida dos seus alunos” (BOHUNOVSKY, 2011, p. 254).

Considerações finais

Os resultados desse trabalho revelam que a tradução é tão importante como as outras habilidades da língua, porém faltam estudos mais incisivos de

como ela pode contribuir efetivamente em sala de aula como atividade, tarefa ou exercício, com vistas a práticas sociais de comunicação.

Há também uma preocupação de pesquisadores a respeito da adesão dos pesquisadores da área de Estudos da Tradução em contribuir para a área de ensino-aprendizagem de línguas, na tentativa de desmitificar o conceito de tradução que ainda soa sob o senso comum, bem como propor atividades tradutórias condizentes com a visão de linguagem vigente no ensino de línguas.

Diante disso, mostramos algumas contribuições, por exemplo, de Welker (2004), Romanelli (2006; 2009), Bohunovsky, (2011); Carvalho Neto & Bohunovsky (2011) e do Quadro Europeu Comum (2010), dentre outros, que propõem papéis que a tradução pode desempenhar no contexto de sala de aula e, dessa forma, auxiliar o professor a refletir sobre a relevância da tradução como componente que ajuda o aluno a construir conhecimento na língua-alvo.

Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.
- BATISTA, L. O. **Processo de reflexão sobre a avaliação em Língua Estrangeira (inglês) por professores recém-formados**. 2004. 205f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas.
- BRANCO, S. O. Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.
- BOHUNOVSKY, R. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil e a “compreensão do estrangeiro”: o papel da tradução. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 170-184, 2009.

_____. A tradução no ensino de línguas: vocabulário, gramática, pragmática ou consciência cultural? **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, 50, v. 1, p.205-217, 2011.

CARVALHO NETO, G. L.& BOHUNOVSKY, R. Tradução e mediação no ensino de alemão como língua estrangeira. In: BOHUNOVSKY, R. (Org.). **Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, p. 237-255.

GARCIA, L. A.; CARVALHO, J.; KEBDI, J. Q. F.; BAUMRUKER, C. L. Vantagens e desvantagens acerca da tradução no ensino de Língua Inglesa.

Folio – Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 185-198, 2011.

QUADRO COMUM EUROPEU DE REFERÊNCIAS PARA AS LÍNGUAS: Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositorio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf>. Acesso em : 23 mar. 2013.

LUCINDO, E. S. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. **Scientia Traductions**, Florianópolis, n. 3, p. 1-11. 2006.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, p. 234, 2001.

NICHOLLS, S. M. **Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês**. Maceió: EDUFAL, 2001.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. In: **Revista Inventário**. 5. ed., fmar/2006. Disponível em <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>. Acesso em: 09 abr. 2013.

_____. O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 8, n.2, p. 200-219, 2009.

TECCHIO, I. & BITTENCOURT, M. A tradução no ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. **Revista Magistro**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 152-165, 2011.

UPHOFF, D. A história dos métodos de ensino de inglês no Brasil. In BOLOGNINI, C. Z. (Org.). **Discurso e ensino: a língua inglesa na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 2007

WELKER, H. A. Traduzir frases isoladas na sala de aula de língua estrangeira – por que não? Brasília, **Horizontes**, 2003. Disponível em WWW.unb.br/il/let/welker/tradfras.doc. Acesso em: 22 jun. 2013.